

## **AS DINÂMICAS CULTURAL E TURÍSTICA NA TERRITORIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS CIDADINOS A PARTIR DE FEIRAS DE ARTESANATO**

MOREIRA, Beatriz Rodrigues; Graduanda em Produção Cultural;  
Instituto Federal do Rio de Janeiro; rodriguesbeatriz@gmail.com;

RIBEIRO, Gabriela Sousa; Doutora em Urbanismo;  
Instituto Federal do Rio de Janeiro; gabriela.ribeiro@ifrj.edu.br.  
Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Identidade

### **RESUMO**

Este trabalho é decorrente do projeto de pesquisa “Espaços comerciais de artesanato: as dinâmicas cultural e turística na territorialização dos espaços citadinos”, desenvolvido de 2017 a 2018, no âmbito do IFRJ *campus* Belford Roxo. Entendemos, baseadas em Canclini (1983), artesanato como forma de expressão dos aspectos socioculturais da população de uma localidade que, a partir de matérias primas, mão de obra e significantes socioculturais locais, os materializa em distintos artefatos, tanto objetos utilitários como decorativos. Nesse sentido, os espaços comerciais de artesanato, como as feiras de artesanato, podem comunicar aspectos socioculturais de uma localidade, tanto em função das peças artesanais como pelas trocas sociais e culturais realizadas nesses locais. Defendemos, portanto, a importância de estimular a potência das feiras de artesanato no trato urbano, cultural e turístico, visto a diversidade de pessoas, atividades, trocas, signos e significados socioculturais envolvidos nas mesmas, contribuindo para ser consideradas territórios pela população local. Objetivamos entender, a partir da disputa de forças existentes nos tratos cultural, urbano e turístico, em que medida o artesanato e seus espaços de venda contribuem para a ocupação do espaço urbano de distintas cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, de modo que as pessoas percebam as feiras de artesanato enquanto seus territórios pela identificação com seus aspectos

socioculturais nas mesmas. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo. Em campo, iniciamos com a aplicação de questionário *online* com perguntas fechadas e abertas, objetivando mapear as feiras de artesanato existentes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, entender os motivos das pessoas frequentarem ou não feiras de artesanato e quais se destacam na Região. Selecionamos três feiras de artesanato em distintas cidades, sendo elas: Feira da 25 de agosto, em Duque de Caxias, FeirArt Bel, em Belford Roxo, e Feira do Rio Antigo, na capital. Nelas, foram realizadas observações assistemáticas e entrevistas semiestruturadas com artesãos e frequentadores dessas três feiras. Foi possível perceber que as feiras de artesanato fazem parte da vivência de ampla gama populacional fluminense e que quanto mais atrações socioculturais apresentam, mais as pessoas se sentem convidadas a vivenciar esses espaços. Dependendo da cidade e da região da cidade onde as feiras se encontram, percebemos que há um tratamento urbanístico diferenciado, em função da feira de artesanato servir também como atrativo turístico. É o caso da Feira do Rio Antigo, que acontecia mensalmente na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Já feiras de artesanato localizadas na Baixada Fluminense, como a Feira da 25 de agosto, em Duque de Caxias, que acontece aos domingos no bairro 25 de agosto, não obtém o mesmo tratamento em termos de limpeza e conservação urbana que a feira anteriormente citada. O mesmo ocorre com a FeirArt Bel, que não é entendida como promotora de cultura e turismo pelo município, a feira busca o público tentando se localizar em local de grande movimentação de pedestres. O turismo pode se apropriar da vivência da população local existente nos espaços comerciais de artesanato e, dependendo da forma como for manejado, pode ser positivo ou negativo para essa população. É preciso tentar equilibrar as relações de forças (SANTOS, 2009) existentes nesses locais, de modo que a população local possa se sentir incluída nesses espaços. Aliar turismo a melhorias urbanísticas para a população local é benéfico tanto para moradores da cidade como para turistas. Foi possível perceber que quando as melhorias urbanísticas são voltadas para a população local, ganham todos. A cultura precisa ser

preservada não para o turista, mas para contribuir para que as pessoas se reconheçam nas suas práticas, no seu mundo. A cidade precisa ser de e para todas as pessoas. Se ela for boa para a população local, por consequência, os turistas terão boas experiências no local. Mas o contrário nem sempre é verdadeiro.

**Palavras-chave:** Feiras de artesanato; Trocas de aspectos socioculturais; Cultura; Turismo.

### Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.